

A FAMÍLIA TAL COMO ELA É NOS DESENHOS DE CRIANÇAS

MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA
BEATRIZ MEDEIROS DE MELO
ANDRÉIA PERES APPOLINÁRIO

RESUMO *A partir da década de 1960, assistiu-se à vinda de milhares de trabalhadores, de várias áreas do país, para as cidades da região de Ribeirão Preto/SP, em busca de trabalho nas lavouras de café, cana e laranja. Essa migração foi responsável pelo surgimento de bairros periféricos, habitados por trabalhadores rurais, que vivem nas cidades e trabalham no campo. Na década de 1990, em virtude do processo de reestruturação produtiva, da precarização e do desemprego, a situação social dos trabalhadores se agravou muito. O objetivo deste artigo é a análise dos efeitos desse processo sobre as famílias, a partir das representações das crianças, por meio dos seus desenhos.*

PALAVRAS - CHAVE *Desenhos de crianças; gênero; trabalho rural; exploração econômico-social.*

ABSTRACT *Since the 1960's thousands of workers coming from different areas of Brazil have rushed into the cities of the Ribeirão Preto region, São Paulo, looking for employment in its coffee, sugar cane and orange farms. This migration resulted in the growth of periurban bairros inhabited by workers who live in town but work in the countryside. In the 1990's, the plight of these workers has worsened, due to changes in the productive structure, which resulted in short-term jobs and unemployment. This article has the goal of analyzing the effects of this process over families, based in children's representations as contained in their drawings.*

KEYWORDS *Children's drawings; gender; rural work; socio-economical exploitation.*

1 O colonato reporta-se ao sistema de trabalho vigente sobretudo na economia cafeeira desde os fins do século XIX até meados do século XX. Consistia no trabalho familiar regido pelo chefe da família. As normas eram definidas segundo o contrato de trabalho que discriminava as tarefas no cafezal, o direito ao uso de pequena roça de subsistência e a propriedade de alguns animais. Esse sistema priorizava as famílias numerosas capazes de fornecer o maior número de *braços* para as lavouras.

2 Em média, as mulheres da pesquisa têm quatro filhos, cifra muito superior à média nacional. Dados recentes da PNAD apontam para o declínio das taxas de fecundidade no país. O número médio de filhos por família era 6,2 em 1940 e 1950; 6,3 em 1960; 5,8 em 1970; 4,4 em 1980; 2,9 em 1991; 2,4 em 2000; 2,1 em 2004 e 1,8 em 2050 (estimativa). Segundo a demógrafa Ana Amélia Camarano, a fecundidade caiu mais entre as mulheres mais pobres. *Folha de S. Paulo*, Caderno Dinheiro, B 5, 22 de janeiro de 2006.

3 José de Souza Martins foi um dos pioneiros a mostrar criticamente que a sociologia não estuda as crianças. Ver, a respeito, Martins (1991). A inclusão da criança nos temas sociológicos foi objeto de uma coletânea, publicada recentemente: Faria, Demartini, Prado (2002); na historiografia, destaca-se a obra de Del Priore (1991).

Assiste-se atualmente ao processo progressivo de precarização do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar e laranja na região de Ribeirão Preto/SP. O Estatuto do Trabalhador Rural (1963) operou a individualização do trabalho no campo e a intensificação da exploração da mão-de-obra. A migração para a cidade resultou na situação de incapacidade de reprodução econômica por parte desses trabalhadores, conforme já apontado em outros estudos (Stolcke, 1986, 1993; Silva, 1997, 1999). Paulatinamente, foi ocorrendo a “crise do provedor” na unidade doméstica e a multiplicação das *mulheres-chefes-de-família*. O fim do colonato¹ indicava a tendência da redução da taxa de natalidade entre as famílias dos doravante denominados “bóias-frias”, mas a realidade empírica estudada revela ainda a presença de um número elevado de filhos, algo que contraria a tendência do país.²

Diante desse contexto histórico, o objetivo deste artigo é a análise dos efeitos do processo de exclusão-inclusão precária (Silva, 2004), resultantes da implantação da maneira de produzir do *agribusiness*, sobre a organização social das famílias de trabalhadores rurais, residentes nas periferias urbanas sob a ótica das crianças, sujeitos geralmente ausentes dos temas da sociologia, em razão do caráter adultocêntrico desse ramo do conhecimento científico.³ Por meio da combinação de várias técnicas de pesquisa, tornou-se possível conhecer as diversas estratégias adotadas pelas famílias para a garantia da reprodução social e o olhar das crianças sobre suas próprias famílias. De antemão, ressaltamos que a escolha do universo infantil para a análise sociológica representou um enorme desafio não apenas em virtude de poucas pesquisas existentes como também dos limites teórico-metodológicos enfrentados, já que essa problemática não pode ser encerrada num único campo do conhecimento. A fim de darmos conta dessa empreitada, foram feitos alguns recortes analíticos que privilegiam a criança como sujeito, diferente do adulto, dotado de representações específicas, segundo o universo social no qual está inserida, e o desenho enquanto representação

social. Portanto, as análises da psicologia infantil e da psicanálise que enfocam os desenhos visando aos testes clínicos e níveis de inteligência escapam aos nossos objetivos. O desenho, conjugado a sua leitura feita pela respectiva criança, constitui-se na expressão e também na percepção que ela tem da família e do mundo social que a cerca.

A análise dessa problemática será feita no contexto de algumas questões teóricas que privilegiam as relações entre estrutura e sujeito. Partimos do princípio de que as estruturas não são fatos objetivos, independentemente dos sujeitos que compõem uma dada realidade social. Existe uma relação dialética entre estrutura e sujeito, cujo resultado são as relações processuais. Dessa sorte, as considerações sobre os espaços sociais das famílias, necessárias ao entendimento das representações infantis por meio dos desenhos, serão precedidas por aquelas acerca das relações entre a sociogênese e a psicogênese. Tal procedimento teórico possibilitará a compreensão da particularidade histórica dessa realidade social, levando-se em conta os aspectos universais que fazem parte dela.

Os dados empíricos estão ancorados na etnografia concentrada na cidade de Rincão, localizada no interior do estado de São Paulo (a 280 km da capital), com 10.329 habitantes, e 70% da população economicamente ativa ocupa o setor primário (Censo, 2000). Optou-se pela análise etnográfica a fim de observar em profundidade o comportamento de 15 famílias de um mesmo quarteirão, localizado num dos limites urbanos da cidade, no Bairro Jardim Bela Vista. Essa metodologia abarcou várias técnicas: desenhos de 40 crianças,⁴ coleta de depoimentos orais com jovens adolescentes grávidas, com mulheres casadas, com mulheres solteiras com filhos, com alguns homens, com representantes do Conselho Tutelar, da Creche Municipal, do Posto de Saúde, além da observação participante. O tema dos desenhos relacionado à família tinha como pressuposto a análise das várias formas da estrutura familiar presentes entre eles. As entrevistas com as mulheres contaram com o apoio de

4 Os desenhos foram coletados em duas etapas: num primeiro momento, foram reunidas 15 crianças na casa do pai de uma das pesquisadoras; num segundo momento, foram coletados 25 desenhos na creche municipal, ocasião em que se desenvolveu uma atividade teatral. Em ambos, não havia a presença dos membros das famílias das crianças. Outros detalhes serão explicitados adiante.

5 O teatro infantil foi orientado pelas pesquisadoras Beatriz Medeiros de Melo e Andréia Peres Appolinário, cujos “atores” foram as próprias crianças. Foram fornecidos a elas bonecos de fantoche, após ter-lhes sido solicitado que representassem pessoas de suas famílias e criassem uma história, baseada em Rapunzel. A peça foi montada com oito participantes: o rei, a bruxa, dois personagens femininos, dois personagens masculinos e também um personagem de contos infantis, a Rapunzel. Com as crianças sentadas no chão, perguntamos-lhes quais personagens eles queriam representar. O elenco criado foi o seguinte: a bruxa se transformou na avó paterna; o rei, no pai; uma personagem infantil de cabelos brancos, na avó materna; Rapunzel, na filha; um boneco, no filho; uma personagem de cabelos pretos e amarrados, na mãe. O cotidiano da mãe de levar as crianças na creche, ir para o trabalho e buscá-las no final da tarde aparece representado, bem como as “ruindades” da avó paterna (bruxa) em relação a elas e às suas mães e as representações acolhedoras da avó materna. Os pais foram representados como bêbados, a mãe que mandou o pai embora por causa da bebida, a mãe que resolveu ficar com a guarda dos filhos e a avó que apanha as crianças na escola, em função do trabalho da mãe.

uma cartilha sobre corpo e saúde, distribuída pelo Conselho da Condição Feminina, cujos objetivos eram, por meio de uma relação dialógica, o conhecimento das práticas reprodutivas, da sexualidade e das relações de gênero. Com o intento de conhecer as relações de parentesco, vizinhança e compadrio, foram produzidas *fichas de família*, cuja leitura preliminar permitiu a caracterização geral dessas famílias, tal como elas são e não a partir de modelos preexistentes.

Além da realização das oficinas para a coleta dos desenhos, desenvolveram-se atividades recreativas com representações de peças teatrais infantis pelas próprias crianças,⁵ distribuição do material, papel sulfite, lápis de cor, refrigerante, bolachas e brinquedos. Em seguida, foram feitas *fichas* contendo a *leitura* de cada desenho, feita pela respectiva criança. Nas *fichas* há as seguintes informações: nome da criança, idade, etnia, nomes e papéis das pessoas representadas nos desenhos, além de informações coligidas pelas entrevistas com os demais informantes e das observações acerca do comportamento da criança durante a atividade. Os resultados auferidos a partir dessa técnica de pesquisa foram extremamente ricos para a análise das representações infantis sobre a família e também para o entendimento de uma *outra lógica familiar* existente entre esses trabalhadores.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O cenário analisado é um quarteirão que faz limite com os canais de uma usina situada na região. A cerca é entremeada de árvores, sob as quais foram colocados bancos de madeira, que servem como pontos de encontro dos moradores e são, na verdade, espaços de sociabilidade e extensões das próprias casas. Há um elevado número de crianças em cada unidade doméstica e a presença de diversas pessoas cuidadoras.

As mulheres trabalham na colheita da laranja, nos empregos domésticos, no corte da cana e em casa para o sustento dos fi-

lhos. Algumas delas são acompanhadas no trabalho agrícola pelos filhos maiores de idade ou até mesmo pelos filhos menores. Dentre as 12 crianças que moram somente com sua mãe, apenas 2 recebem pensão alimentícia do pai. Em apenas quatro das dez famílias nucleares, a renda do homem é indispensável para a reprodução material, em duas daquelas as mulheres também trabalham e, em uma outra, a renda do filho mais velho pesa mais que a do pai.

Foi verificada a prática de *tomar* por padrinho dos filhos os próprios vizinhos, pessoas próximas que podem dividir a responsabilidade pela criação; há uma relação de troca: os filhos são a *dádiva*, e o fato de oferecê-los como afilhados redundando em retribuição material ou em forma de *favores*. A prática da *circulação de crianças*,⁶ com a qual cinco dessas famílias já se envolveram, baseia-se na mesma lógica. Toda a vizinhança se agrupa num círculo de ajuda mútua sustentado pelas mulheres e crianças.

Outro ponto importante se reporta aos homens. A paternagem não é assumida como valor, como dever ou compromisso. Ao lado da *circulação de crianças*, há a *circulação de homens*, de uma unidade doméstica a outra. Quanto às mulheres sem os companheiros, elas se fixam nas casas de seus genitores ou nos fundos de seus quintais e contam com a ajuda de parentes e vizinhos.

Esses aspectos são como molduras dos quadros familiares, cujos conteúdos refletem o estilo de vida, a sociabilidade entre vizinhos e parentes – muitas vezes, permeada por conflitos –, as relações entre pais e filhos, homens e mulheres, enfim *a vida tal como ela é*. A metáfora do quadro emoldurado nos sugere a presença de personagens, cenas, paisagens. Por conseguinte, há a necessidade de um olhar acurado, capaz de perceber os grandes traços e também os pequenos detalhes. E mais ainda. Enxergar, por detrás dos cenários, as ausências e os silêncios, enfim, os que não estão no quadro e cujas revelações se constituem no intento deste texto.

Nos desenhos das crianças raramente aparecem as casas. Essa ausência sugere algumas reflexões sobre o espaço geográfico e

⁶ Circulação de crianças, expressão utilizada por Fonseca (1995), ocorre quando a criança é destinada a um lar substituto segundo as necessidades de reprodução da família.

social onde elas vivem. As cidades-dormitórios dessa região são cercadas pelos canaviais. Os limites do urbano coincidem com as plantações de cana. As imagens captadas pela pesquisa retratam os dois mundos – rural e urbano – como espaços contíguos e não separados. Os bairros habitados por trabalhadores rurais podem ser considerados como verdadeiras colônias das usinas na cidade.

Esses espaços são entendidos enquanto espaços de sociabilidade, onde se acham presentes traços do mundo rural de antes e do mundo urbano, considerado moderno. O “tradicional” e o “moderno” se cruzam formando uma verdadeira simbiose. As imagens dos fogões a lenha, das hortas, das ervas plantadas em vasos e áreas bem-restritas existem lado a lado com os fogões a gás, a televisão, a geladeira, os aparelhos de som, os celulares, enfim as mercadorias de consumo do mundo urbano.

O espaço da rua não se acha separado do espaço da casa, tal como foi mostrado por Da Matta (1987). Andando pelas ruas, vêem-se crianças brincando de “casinha” à frente da casa, na calçada. Sobretudo, nos finais de tarde de sábados e domingos, é muito comum as mulheres se sentarem à frente da casa para conversar. Aliás, é comum a construção de bancos de cimento ou madeira junto aos muros, o que demonstra que a rua é um espaço que pode ser considerado uma extensão da casa, portanto não se acha em oposição a ela. Apesar dos muros, os vizinhos têm livre acesso às casas. Essa realidade é constatada com muita frequência por ocasião das entrevistas. Dificilmente, uma entrevista é realizada sem a presença de outras pessoas, quer sejam da família ou da vizinhança. Esse dado é importante para a análise das relações entre público e privado.

Na verdade, entre esses trabalhadores, essa separação não é a mesma encontrada em outros universos sociais. As dificuldades financeiras conduzem à reprodução das estratégias de sobrevivência existentes no mundo rural de antes, assentadas nos valores e códigos costumeiros. Faz parte do costume “pedir emprestado” não somente alimentos como também outras mercadorias que, porventura, estejam faltando na casa. Outro dado

constatado pela pesquisa é a livre circulação de pessoas da vizinhança pela casa e o conhecimento que elas possuem de todo o espaço. Assim, elas têm conhecimento onde estão guardados documentos, remédios, objetos que fazem parte da privacidade das pessoas da família.

Não obstante, as relações entre vizinhos não se verificam de forma totalmente harmônica. Numa das casas vive uma família cujo contato com as demais pessoas do quarteirão é bastante raro. Aqui se observa situação encontrada por Schuwartz (1990, p. 161), cuja pesquisa entre operários no norte da França constatou o confinamento familiar e uma sociabilidade que limita os contatos com vizinhos, considerados indesejáveis.⁷ Acredita-se que esses achados forneçam pistas importantes à análise de temas como privacidade, intimidade, relativos às classes médias e altas e, freqüentemente, estendidos a todas as camadas sociais. Esses dados fornecem a dimensão da complexidade da realidade social e exigem do pesquisador muitos cuidados no momento da análise e interpretação das informações coletadas.

Os salários baixos, o desemprego e a exclusão social contribuem para o agravamento das condições de reprodução social dessas famílias. Esse fato gera a necessidade de encontrar estratégias de moradia. O aproveitamento do mesmo lote e a construção de várias casas por parentes e consangüíneos – os puxadinhos –, além da vinda de mulheres ou homens com seus respectivos cônjuges (ou não) e seus filhos para a casa dos pais, já idosos. Em regra, não são os idosos que vão morar com os filhos ou netos, porém o contrário. Os avós conseguiram após a Constituinte, que regularizou o direito à aposentadoria dos trabalhadores rurais, construir suas casas, geralmente pequenas, sob o sistema da autoconstrução. Assim sendo, o número de pessoas de distintas gerações nas unidades domésticas é bastante elevado. Essa situação, muitas vezes, contribui para o agravamento dos conflitos intrafamiliares, além dos rearranjos do espaço da casa, por meio da supressão de cômodos destinados à sala, por exemplo, pois é bastante comum a sala “virar” quarto e também a cozinha “virar” sala

7 Em muitos momentos, as pessoas mantiveram silêncio sobre essa espécie de cordão sanitário entre si e esses vizinhos, cuja casa sempre estava com janelas e portas cerradas e os filhos jovens não eram vistos circulando pela rua. Ver, a respeito dessas considerações, Romanelli (2003, p. 260-1).

e quarto ou ainda o sofá se transformar na divisória entre sala e quarto. Acrescente-se a esse quadro a presença de netos, filhos de mães adolescentes, que passam a morar com os avós. Embora a aposentadoria seja um benefício justo aos idosos rurais, a realidade encontrada reflete o processo de empobrecimento das distintas gerações dessas famílias, cujos proventos dos avós têm papel relevante na sua reprodução social.⁸

8 A assistência previdenciária aos trabalhadores rurais só se implantou de fato a partir de 1992, com o regime de universalização do atendimento e a redistribuição de um salário mínimo para ambos os sexos, sob idade mínima de 55 anos para as mulheres e 60 anos para os homens.

No tocante aos estudos de memória, a presença desse grande número de pessoas na casa, além das crianças, impõe, muitas vezes, dificuldades à pesquisa, pois o velho nesse ambiente não possui o necessário tempo de contemplação para o trabalho da reconstrução das lembranças. Em geral, o tempo presente, caracterizado pelas inúmeras dificuldades dos membros adultos e jovens, acaba por influir negativamente na saúde física, mental e psíquica dos velhos. Para esses velhos, a matéria-prima das lembranças, suas próprias experiências, é espoliada. O que o pesquisador consegue registrar são meros fragmentos do passado atormentado pelo presente de seus descendentes e deles próprios.

A FAMÍLIA TAL COMO ELA É

De antemão, nosso objetivo não é adentrar o debate sobre os conceitos de família, a partir dos distintos ramos do conhecimento, como a sociologia, antropologia, psicologia, história social e demografia,⁹ nem tampouco analisar os desenhos sob a ótica da psicanálise, como já foi dito acima. É necessário estabelecer a distinção entre as noções de família e unidades domésticas. Família diz respeito ao parentesco, à ideologia e à coabitação; unidade doméstica diz respeito à coabitação e cooperação econômica imediata para esse grupo (Scott, 1990, p. 41). Para fins desta análise, tanto uma noção quanto outra cabem dentro dos propósitos analíticos. Partimos do princípio que as crianças têm muito a dizer e, por isso, não podem ser descartadas do processo do conhecimento; por outro lado, não as consideramos como sujeitos abstratos, porém

9 Existe uma vasta produção crítica sobre esse tema. Ver, dentre outros, Arantes et al. (1993), Kaloustian (2002), *Revista Brasileira de História*, n. 17.

inseridos em grupos sociais específicos e pertencentes às famílias de trabalhadores rurais que vivem nas cidades dessa região num momento de exclusão, desemprego e precarização do trabalho. A questão norteadora deste artigo é a seguinte: Como esse processo social é experienciado pelas crianças no interior do grupo primário – a família – ao qual pertencem?

A memória e a história desses trabalhadores são fundamentais à compreensão deles enquanto adultos e também de suas crianças enquanto projeções de suas vidas. Esse fato é importante para não considerar essas crianças tão-somente como pertencentes às camadas populares ou de baixa renda ou ainda à classe dos trabalhadores. Dessa sorte, as famílias são vistas enquanto produtoras e reprodutoras da vida biológica e social, em que valores, símbolos e representações sociais constituem o elo entre os membros que as compõem. Não corroboramos com as denominações de *famílias quebradas, desestruturadas, incompletas*, adjetivos que pressupõem a existência de um modelo comparativo. Portanto, afastamos da análise essas idéias preconcebidas a partir de tipologias, cujos vieses ideológicos constituem o *partis pris* de modelos existentes na sociedade como um todo (Romanelli, 2003; Sarti, 1996).

As famílias pesquisadas apresentam os seguintes perfis: 1) famílias relativamente estáveis com a presença do pai, da mãe e dos filhos; 2) famílias com a presença da mãe e dos filhos advindos de relações sucessivas com vários companheiros; famílias com a presença de parentes consangüíneos ou não.

O modelo de *família nuclear*, característico das classes médias e altas, não existe, portanto, na totalidade dessa realidade social. O modelo de *família extensa* também não é mais amplamente praticado desde o fim do colonato, mas ainda deixa vestígios da prática e da moral que valorizam o grande número de filhos e a co-residência do casal junto a eles. Mas o fato que progressivamente cresce entre as novas gerações é o da *família não-nuclear* com destaque para o vínculo *mães-filhos*. Elas ficam com a tutela dos filhos, porém seus proventos são insuficientes para a garantia da sobrevivência deles. O modelo do patriarcado¹⁰ vigente –

¹⁰ Segundo Saffioti, as razões do emprego do nome *patriarcado* são: 1) não se trata de uma relação privada, mas civil; 2) dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição; 3) configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4) tem uma base material; 5) corporifica-se; 6) representa uma estrutura de poder baseada na ideologia e na violência (2004, p. 57-8).

articulado ao de provedor defeituoso, criado pelas atuais condições econômicas – produz a figura do *pai que foi embora*. A família produz um conjunto de práticas culturais (re)significadas por meio da criação de laços de reciprocidade, como é o caso do *apadrinhamento* e da *circulação de crianças*. A base dessas práticas é o estabelecimento de um círculo de ajuda mútua que envolve, principalmente, mulheres e crianças da vizinhança.

Assim sendo, os arranjos matrifocais dominam a organização dessas famílias. Quanto à matrifocalidade, adotamos a definição dada por Smith (1973) e utilizada por Scott (1990), cujas pesquisas foram realizadas com famílias de mulheres pobres da Guiana Inglesa e da periferia de Recife, respectivamente.

O termo matrifocalidade identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isso se traduz em: relações mãe-filho mais solidárias que relações pai-filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino (p. 38).

No que tange à chefia feminina, vários autores ressaltam que chefia não se confunde com focalidade. É preciso levar em conta que há a coexistência de normas “patriarcais” e práticas “matrifocais”. No caso das trabalhadoras rurais, essa situação é muito presente. As mulheres assumem a maternagem, enquanto os homens não assumem a paternagem. A constatação desse fato pode ser vista na *circulação dos homens*, já que, quando abandonam ou quando são expulsos da casa pelas mulheres, eles contraem novas uniões e passam a viver com outras mulheres. A dominação masculina se faz presente nesse momento por meio da geração de novos filhos, pois o poder do homem se realiza por meio da procriação. Vários depoimentos de mulheres revelam que a convivência

com os parceiros passa pela aceitação de ficarem grávidas. Assim sendo, a pesquisa constatou a presença de muitos filhos da mesma mulher, porém de distintos pais. O caso de uma trabalhadora rural de Rincão é paradigmático: com quatro filhos de pais diferentes, ela sustentava todos sem o auxílio destes, justificando a não-exigência do pagamento de pensão como uma forma de evitar a presença dos homens em sua casa e também do controle exercido por eles sobre sua vida. Seu salário é insuficiente para a sobrevivência de todas as crianças, por isso recebe o auxílio de parentes e vizinhos, além de deixar as crianças na creche municipal durante todo o dia. Vale a pena ainda destacar que a solidariedade, na maioria das vezes, advém de outras mulheres.

Quanto à figura do homem, nos desenhos das crianças, ora ela aparece como o *pai que foi embora*, ora diminuída ou do mesmo tamanho que a dos demais membros. Esses dois últimos aspectos também ocorrem em relação às mães. Levando-se em conta uma análise que se opõe às dicotomias, evita-se o apego à vitimização das mulheres e à discriminação dos homens. Objetiva-se à compreensão do gênero enquanto categoria de análise e categoria histórica, portanto, à análise das relações de gênero entre homens e mulheres pobres, na sua grande maioria não-branca e constituída de trabalhadores rurais, provenientes de outras regiões do país. Nesse sentido, esses homens e essas mulheres são portadores de valores e ideologia de gênero, ancorados nas relações patriarcais. Duas questões podem ser levantadas: a figura masculina do provedor. Em virtude das dificuldades econômicas, do desemprego, dos salários baixos, os homens não conseguem prover suas famílias. A participação no orçamento familiar de proventos advindos da mulher ou até mesmo dos filhos retira-lhes parcela de poder que, em outra condição social, pelo menos teoricamente, eles possuíam (Stolcke, 1986, 1993; Silva, 1997, 1999). Esse fato conduz a um conjunto de conflitos nas relações intrafamiliares, quase sempre permeados pela violência doméstica (de gênero e também geracional). Estas são as condições para a criação da figura do *pai que foi embora*.

Essa mesma situação foi também constatada por Neves em sua pesquisa com famílias no Morro do Cavalão em Niterói/RJ, ao revelar que a unidade matrifocal se apresenta como um reordenamento de papéis do casal em virtude da impossibilidade de o marido conseguir reproduzir a família nos níveis culturais definidos pelo grupo (1985, p. 200 e segs.).

A figura do *pai que foi embora* se situa no contexto do rearranjo das relações de gênero dessas famílias. O homem chefe de família, o provedor da época do colono já não mais existe. Por conseguinte, os padrões de masculinidade e virilidade foram profundamente afetados, de tal forma que a identidade masculina sofreu profundas fraturas. A virilidade é um atributo sexual, construída socialmente.

A virilidade é o atributo que confere à identidade sexual masculina a capacidade de expressão do poder (associada ao exercício da força, da agressividade, da violência e da dominação sobre outrem), seja contra os rivais sexuais, seja contra as pessoas hostis ao sujeito ou *aos que lhe estão chegados e a quem, por sua virilidade, ele deve garantir proteção e segurança. O parceiro amoroso de um sujeito viril deve-lhe reconhecimento, gratidão, submissão e respeito, em troca de serviços* (Dejours, 1999, p. 84, grifos nossos).

No entanto, a virilidade possui uma outra face, na medida em que se transforma num verdadeiro fardo.

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes [...]. A *virilidade*, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (Bourdieu, 1999, p. 64).

A única alternativa para a incapacidade de prover a família e manter os padrões de virilidade, assentados na submissão e res-

peito, é a saída da casa. Essa partida dá início a um verdadeiro processo de *circulação de homens*, pois as relações são, na sua maioria, muito efêmeras. Para não assumirem publicamente seu fracasso, eles passam a circular entre outros lares. Repete-se aqui a mesma situação encontrada por Scott (1990) – *as uniões visitantes* – e também por Fonseca (2000) e Neves (1985).

A *circulação de crianças* é outra manifestação desse quadro social, que está ligado à prevalência do sistema de apadrinhamento, característico da área rural. Os padrinhos são responsáveis pela educação e socialização dos afilhados. O compadrio é pautado por relações de solidariedade e coesão dos grupos sociais de vizinhança e parentesco. As crianças circulam quando as condições de sobrevivência põem em risco a vida delas.

As relações de poder são porosas. Dessa sorte a dominação masculina, ainda que fragmentada, não desapareceu. A matrifocalidade não representa a dominação feminina em relação aos homens. Não houve o processo de inversão de relações de dominação e sim o processo de empoderamento das mulheres, presente nas relações afetivas com os filhos e também nas decisões econômicas e financeiras no interior das unidades domésticas.

As relações patriarcais não devem ser explicadas tão-somente a partir dos níveis particulares e de parentesco. A frase, *ruim com ele, pior sem ele*, pronunciada por muitas mulheres que suportam os maus-tratos e a violência dos maridos, revela a existência dos padrões convencionais e universais que estruturam a sociedade. Esse fato pode explicar as uniões efêmeras e a busca constante de novos companheiros por muitas mulheres, após o término de uma relação conjugal. Essas reflexões nos levam a acreditar que as noções de matrifocalidade, chefias femininas, virilidade, precisam ser entendidas *vis-à-vis* as relações patriarcais existentes no conjunto da sociedade e nas suas manifestações particulares. No caso estudado, mesmo que as mulheres não arquem sozinhas com a reprodução social dos filhos, é em torno delas, enquanto mães, avós, tias, madrinhas, que os novos arranjos são tecidos, na grande maioria dos casos. Quanto ao lugar das crianças

nesse contexto, há muitos desenhos que retratam suas ausências ou até a (des)identificação.

Numa realidade em que a reprodução social – enquanto reprodução biológica, material e social – é marcada pela complexidade, a criança torna-se a materialização do paradoxo, ou, sob outro aspecto, a materialização da “vontade divina”, que se faz alheia a uma vontade deliberada. De todo modo ela é fruto e responsabilidade, em última instância, daquela que a gerou: a mãe.

Fonseca (2000) nos sugere de que forma algumas mulheres percebem essa “responsabilidade”:

[...] nos grupos populares atuais, certas mães concordam em ter seus filhos criados por outros porque, para elas, não é esta a questão mais importante [...]. Sua responsabilidade é garantir bons cuidados à criança, mas outros podem propiciar tais cuidados tão bem quanto ela (p. 40).

Definitivamente essa afirmação não apareceu no depoimento de nenhuma das mulheres entre as quais questionamos a possibilidade de “darem” seus filhos a outros em função de impossibilidades materiais de cuidarem elas próprias de seus filhos. A maternidade enquanto pilar da construção da identidade da mulher faz com que recaia sobre ela o peso de uma responsabilidade que assume um sentido moral. E nem sempre a transferência dessa responsabilidade é aceita pela comunidade moral.

Entretanto, se o fato sugerido por essa autora não é assumido na linguagem – ou, quando é, não o é para toda a comunidade –, a observação etnográfica e os diálogos com os vizinhos revelam-nos casos recorrentes em que a mulher pensou, durante toda a gravidez, em dar seu filho para outra família e não o fez em função do *peso* da moral que envolve a maternidade ou mesmo da *incorporação* da moral da maternidade, em outros casos em que ela realmente o fez.

Consolidada ou não a *circulação de crianças*, o que se ressalta é a presença do sentimento de recusa que o nascimento de uma

criança – ou de mais uma criança – faz surgir. Se isso pôde ser percebido através do trabalho etnográfico, foi, sobretudo, no desenho das crianças e na reação de algumas delas ao perceber nosso interesse sobre aquilo que elas podem representar que esse fato se tornou inegável. Em seus desenhos vimos auto-representações diminutas, desconexas, fragmentadas, algumas sem boca, enquanto outros desenhos simplesmente não continham a representação de seu criador. Em suas reações durante a atividade, percebemos perplexidade ao redor da causa de nosso interesse sobre elas e uma subsequente dificuldade em deixar que fossem embora, como se houvessem descoberto uma capacidade intrínseca, prazerosa e antes oculta: a capacidade de atribuir significado. A maioria das crianças tem pouco tempo de contato com as mães ou pais. Muitas delas ficam o dia todo nas creches ou escolas, de onde são retiradas pelas mães ou avós no final da tarde. Por outro lado, as mães, após o trabalho fora de casa, acumulam a dupla jornada de trabalho, pois, ao chegarem em casa, necessitam desempenhar as tarefas domésticas – lavar roupa, cozinhar e limpar –, não dispondo de tempo para as relações afetivas com as crianças. Essas mulheres trabalham em geral durante seis dias por semana, dispondo de apenas um dia de folga, utilizado para a limpeza da casa e outros afazeres que ficaram pendentes durante a semana. Tal situação se agrava se elas não obtiverem o apoio de outras mulheres – filhas, mães, irmãs etc. – para o desempenho de todas essas atividades. Portanto, o ato de cuidar da criança é pouco praticado pelas mães em virtude da imposição das relações de trabalho pautadas por salários baixos, superexploração e grande oferta de trabalhadores que acaba contribuindo para as ameaças de demissão em caso de faltas, cujas conseqüências agravariam a situação de penúria da família como um todo.

Por conseguinte, o afeto, implícito no ato de cuidar, é relegado, nesses casos, a outras mulheres, parentes ou professoras das creches e escolas, as quais nem sempre desempenham esse papel. A carência afetiva presente em algumas crianças¹¹ foi uma das observações captada durante a realização das oficinas para a

¹¹ Esse dado não se constituiu em apanágio dessas crianças, pois é algo constatado em outras famílias de outras classes sociais. Ademais, o ato de cuidar, segundo os atributos sociais engendrados (de gênero), cabe, em geral, às mulheres, e do qual os homens se declinam. A paternagem, segundo se observou, não ocorre nessas famílias. Outrossim, a mãe é uma figura que aparece na totalidade dos desenhos, algo que não ocorre com todos os pais.

obtenção dos desenhos, algo que também está registrado nas leituras destes pelas crianças.

DESENHANDO A FAMÍLIA TAL COMO ELA É

A análise dos desenhos infantis exigiu a incorporação de outras reflexões, a fim de se compreender a ontologia dos *socci*, entendidos enquanto classe, gênero, raça/etnia e geração. Dessa sorte, a teoria da alienação de Marx (1978) e as reflexões de Elias (1990), acrescidas àquelas de Silveira (1989), fornecerão os elementos necessários à compreensão da realidade estudada *vis-à-vis* o ser social.

Segundo Marx, a sociedade não é uma abstração diante do indivíduo. O indivíduo é o ser social.

A exteriorização da sua vida [...] é pois uma exteriorização e confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são distintas, por mais que, necessariamente, o modo de existência da vida individual seja um modo mais particular ou mais geral da vida genérica [...]. Como *consciência genérica* o homem confirma sua vida social real e não faz mais que repetir no pensar seu modo de existência efetivo, assim como, inversamente, o ser genérico se confirma na consciência genérica e é para si, na sua generalidade, enquanto ser pensante (Marx, 1978, p. 10).

Os sentidos – audição, tato, olfato, visão, gosto –, assim como a subjetividade, não são postos naturalmente para o homem. Por outro lado, a natureza é o corpo inorgânico do homem, segundo Marx. Ao retomar as reflexões marxianas sobre a alienação e fetichismo, Silveira (1989) mostra que o processo de constituição da individualidade é um processo histórico que tem início com a acumulação originária, quando se observa a separação entre o homem e a natureza. Portanto há uma relação entre o desenvolvimento da história e o desenvolvimento da individualidade.

De um modo geral, a acumulação originária implica na separação do homem (do trabalhador) de seu corpo inorgânico – a natureza; as perdas do objeto, a alienação, a desobjetivação: a capacidade de trabalho como “pura subjetivação sem objeto” (p. 58-9).

Essa separação corresponde ao surgimento do processo de isolamento social do indivíduo, na medida em que os vínculos sociais prévios se rompem, tanto os vínculos com a natureza como os de dependência social característicos das formas de produção que precederam à constituição do capitalismo. É nesse sentido que o indivíduo surge enquanto força de trabalho, dimensão fundamental de sua individualidade.

No que tange às reflexões sobre o fetichismo, esse autor revela que, para Marx, a submissão ao domínio da mercadoria não é apenas externamente, mas atinge as práticas dos indivíduos e também sua estruturação psíquica. Para ele, os efeitos desse moldamento, das determinações da forma mercadoria, na carne e na psique dos indivíduos resultam numa dialética conflitiva entre uma dimensão internalizada do sujeitamento e outra advinda da subversão desse assujeitamento.

Assujeitamento e amoldamento não são vistos linearmente, porém enquanto processos conflitivos entre a dominação das relações capitalistas e as determinações, advindas dos próprios sujeitos em subverter tais determinações que foram recalçadas, reprimidas (p. 75).

As mudanças das relações entre as estruturas das relações humanas e a correspondente mudança na estrutura do psiquismo, a partir de um outro ponto de observação, que não a dialética marxiana, foram também objeto da análise de Elias (1990), no volume 2 de *O processo civilizatório*. Para esse autor, há um constante aprofundamento da imposição social das autocoações, responsáveis pelo chamado processo civilizatório. Para ele, cada vez é maior o número de pessoas que têm de sintonizar o comportamento pelo das outras. Esse ajustamento é consciente e, ao mes-

mo tempo, se consolida no indivíduo um sistema de autocontrole automático e cego, ou seja, inconsciente (p. 189-90). Esses dois paradigmas oferecem elementos importantes à análise da formação da psicogênese e sua relação com a sociogênese.

Elias também associa a violência ao surgimento desse processo de moldamento, que, no decorrer do tempo, se transforma em hábito.¹²

¹² Para Marx, a violência faz parte do processo de acumulação originária, ou seja, no momento do nascimento do capitalismo. Ver, a respeito, o capítulo sobre a “Acumulação primitiva”, no livro I de *O capital*.

Da violência armazenada nos bastidores do cotidiano provém uma pressão constante e regular que se exerce sobre a vida do indivíduo, o qual mal a sente, porque já se habituou a ela, porque o comportamento e a plasmação das pulsões foram, desde a infância, ajustados a essa organização da sociedade [...]. A verdadeira coação é aquela que o indivíduo exerce sobre si próprio, com base no conhecimento que tem das conseqüências das suas ações sobre toda uma série de redes de ações, ou com base em atitudes análogas que observou nos adultos que modelaram seu aparelhamento psíquico, quando criança (p. 194).

Entretanto, o amoldamento do comportamento não resulta apenas em equilíbrio funcional, podendo gerar tensões, desequilíbrios constantes. Tais perturbações podem transformar-se, por sua vez, em fantasias, devaneios e sonhos. Para Elias, parte das tensões e paixões que outrora eram diretamente resolvidas na luta corpo a corpo é agora dominada dentro de si próprio. Essas reflexões não coincidem com a visão psicanalítica, a qual tende, muitas vezes, a extrair da totalidade da estrutura psíquica um “inconsciente”, “um id” concebido como a-histórico, abstraído das condições reais de existência (p. 229).

O que é determinante numa pessoa [...] não é só um “id” nem só um “ego” ou um “superego”, mas sempre e fundamentalmente a relação entre esses estratos funcionais de autocomando psíquico, os quais em parte se degladiam e em parte coo-

peram uns com os outros. Mas essas *relações dentro de cada pessoa* [...] transformam-se, no decurso do processo civilizacional, de acordo com a específica transformação das *relações entres as pessoas*, isto é, das relações sociais. Poderíamos dizer que, no decurso deste processo, *a consciência se torna menos permeável às pulsões e as pulsões menos permeáveis à consciência* (p. 230).

A ideologia, ou a superestrutura, não é capaz de explicar todas as mudanças. Parafraseando Elias, toda investigação que só toma em consideração a consciência dos homens, a sua razão ou as suas idéias, e não leva em conta a estrutura das pulsões, as paixões humanas, é limitada, pois muitos aspectos à compreensão dos homens não serão vistos (p. 229). Portanto, as relações entre a infra-estrutura e a superestrutura não são lineares. As mudanças que ocorrem nesta última não são meros reflexos da primeira. A ação dos sujeitos historicamente determinados define a complexidade dessas relações e, *pour cause*, as mudanças operadas caracterizam as inúmeras mediações existentes e a produção da história enquanto processo.

Acreditamos que, nos limites deste texto, essas idéias forneçam os subsídios necessários à análise das representações das crianças, por meio de desenhos, sobre as respectivas famílias de trabalhadores rurais, sob a ótica do ser social. As transformações econômicas e a vinda para as cidades foram responsáveis por grandes mudanças na organização familiar, cujos reflexos se estenderam ao moldamento dos comportamentos e também à estruturação psíquica de seus membros. Esse processo, caracterizado por aceitação–recusa – manifesto no alcoolismo dos homens, na não-acepção da paternagem, na *circulação masculina* entre os diferentes lares, na matrifocalidade –, atinge também as pulsões psíquicas de adultos e crianças.

Por conseguinte, a abordagem psíquico-pedagógica que visa tão-somente aos aspectos do desenvolvimento cognitivo da criança, descontextualizado de seu ambiente social, não faz parte de

nosso escopo teórico, assim como a abordagem universalizante da teoria piagetiana. Essa teoria, segundo alguns críticos, teria transformado o processo de construção das estruturas cognitivas, como ele ocorre no Ocidente, num paradigma para o desenvolvimento psíquico de todas as crianças (Freitag, 1984, p. 75). Privilegiamos as diferenças e não a comparação a partir da idade. Contudo, tomamos cuidado para não cair nas armadilhas do relativismo cultural, segundo o qual cada cultura possui seus esquemas cognitivos específicos, posição esta que pode conduzir ao etnocentrismo.

As diferenças culturais e socioeconômicas são as que exercem maior importância no processo cognitivo da criança. Segundo Freitag (1984, p. 77), na pesquisa intercultural não há menção à produção material de bens, estrutura de poder, à divisão do trabalho, à estrutura social de classes, estrutura familiar, seus diferentes tipos e diferentes processos de socialização. Vale a pena ainda lembrar que há inúmeras diferenças culturais em uma mesma sociedade. São essas diferenças de classe social, de gênero e raça/etnia que explicam os processos da psicogênese e não somente as manifestações culturais.

A combinação das diversas técnicas de pesquisa descritas acima foi um instrumento importante à análise dos desenhos no contexto da realidade social das crianças *vis-à-vis* a leitura dos conteúdos manifesto e latente (Leite, 1993). O conteúdo manifesto ou expresso se baseia na *leitura* do desenho feito pela criança. O conteúdo latente exige o conhecimento do contexto social no qual a criança se acha inserida. A realidade social possui muitas facetas. Algumas são visíveis, outras são invisíveis, inaudíveis, fragmentadas, silenciadas. No conjunto, os desenhos apontam para a produção de um processo de conservação–dissolução, em que alguns traços dos modelos anteriores permaneceram, enquanto outros desapareceram. A realidade estudada é reveladora da presença do patriarcado, como organização social predominante, muito embora o homem não seja, na maioria dos casos, o chefe da família, como já foi revelado acima. As relações

patriarcais se manifestam por meio das figuras do *pai que foi embora e do provedor defeituoso* – e não mais da figura do *pai padrão* –, as quais, *last but not least*, definem as relações patriarcais como padrão existente.

Nosso esforço doravante será o de interpretar as representações das famílias que aparecem nos desenhos e não procedermos à análise clínica por meio de testes dos desenhos (Cox, 2000). Para o desempenho dessa tarefa, optamos pela inclusão de apenas duas referências específicas sobre desenhos infantis.¹³ A relação entre sociogênese e psicogênese será aprofundada por meio da incorporação das reflexões de Di Leo (1991) e Derdyk (1989), profissionais das áreas das disciplinas comportamentais, que se debruçaram sobre a interpretação dos desenhos das crianças, privilegiando seu universo social. Além dessas referências, serão acrescentadas aquelas cuja preocupação sociológica se voltou para a análise dos relatos das crianças, levando-se em conta a importância do universo infantil para a compreensão da realidade social, a partir das inúmeras mediações e significados existentes entre a realidade e a imagem que se tem dela.

Di Leo (1991) realizou uma análise clínica de 91 desenhos de crianças, muitas das quais com problemas psíquicos. Suas contribuições são importantes na medida em que, além do desenho, são incorporados os depoimentos das crianças. Assim, sua interpretação leva em conta a inserção da criança em seu universo social e familiar. No capítulo referente aos desenhos da família, o autor chama a atenção para os seguintes itens, os quais fornecerão pistas mais seguras para o caso analisado na presente pesquisa:

- A figura do pai ausente, agressivo, presente no desenho, mas ausente nas relações familiares. Muitos desenhos de crianças de trabalhadores rurais refletem a ausência do pai – o *pai que foi embora* –, ou, ainda, este é desenhado do mesmo tamanho dos demais membros da família.
- Os botões na roupa refletem o poder e a rigidez masculinos. É necessário lembrar que os desenhos coligidos abarcam crianças de 3

¹³ Segundo os propósitos deste artigo, a bibliografia utilizada para a interpretação dos desenhos, aludida mais adiante, não contempla a análise da psicologia do desenvolvimento infantil, sobretudo aquelas voltadas para os testes clínicos que avaliam a inteligência e sim aquelas que privilegiam o desenho como representação social, como manifestação do universo material e simbólico das crianças.

- a 12 anos. Acima de 11 anos, a criança entra na fase da adolescência, portanto, é necessário levar esse aspecto em consideração.
- A figura desenhada geometricamente, segundo esse autor, revela a ausência de emoção. Trata-se de uma atitude que é racionalmente controlada, sem emoção.
 - A ausência de braços revela a incapacidade de ação; as mãos atrás do corpo sugerem falta de confiança.
 - Os tamanhos pequenos sugerem auto-estima baixa; pessoas desenhadas em espaços cercados, como se fossem caixotes, revelam ausência de comunicação entre os membros da família.
 - A presença de árvores – as três principais partes da árvore, supostamente, se referem aos três maiores campos da personalidade: o tronco – a vida emocional; as raízes – a vida instintiva; a copa – a vida intelectual e social e representa o futuro. Tronco com buracos sugere a presença de traumas. O tronco amplo pode sugerir reação emocional à má condição existente.
 - Desenhos de dentes podem sugerir agressão. No entanto, o autor adverte para as armadilhas na interpretação dos desenhos infantis. É necessário sempre verificar os elementos universais de interpretação e também a particularidade de cada criança. Outra armadilha mencionada se reporta ao desmembramento dos corpos. À primeira vista sugere desagregação, porém é necessário conhecer a realidade social da criança para chegar a essa afirmação. Em geral, essa separação dos membros ocorre nas crianças pequenas. Num dos desenhos coligidos pela nossa pesquisa, há o caso de um menino (J), em que se vê o desmembramento. Ele próprio aparece sem boca, ouvidos, nariz e olhos. Trata-se de uma criança que estava vivendo com seus padrinhos, em razão de problemas com seus pais. Nesse caso, o desmembramento é fiel à realidade vigente.
 - O autor adverte também para os cuidados em relação à interpretação dos símbolos:

Um símbolo pode ser universal, mas o seu significado é individual. Os desenhos devem trazer novos *insights*; devem con-

firmar o que é sabido. Tomados fora do contexto, eles podem enganar (p. 195).

- A casa representa aconchego, afeto, segurança. Os desenhos são representações e não reproduções. A casa simboliza o lugar onde são buscados afeto e segurança, necessidades básicas que encontram preenchimento na vida familiar. Animais são seguidamente adicionados como parte da família. Árvores, flores e o sol aparecem como expressão da crescente necessidade por luz, natureza e um mundo além dos confins do lar (p. 52). Ausência da casa é muito recorrente nos desenhos coligidos.

Derdyk (1989) traz importantes contribuições sobre o desenho enquanto representação social, das quais foram selecionados os seguintes pontos:

- A criança enquanto desenha, canta, conta história, teatraliza, imagina ou até silencia. O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário (p. 19).
- O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial (p. 51).
- O desenho é uma atividade do imaginário. A criança vive inserida na paisagem cultural do adulto. Seria necessária uma reflexão profunda sobre como essa paisagem interage e se relaciona com o mundo da criança, eternamente em transição. (p. 53).
- O conteúdo manifesto são as imagens presentes no papel e o latente trata das mensagens subliminares, escondidas ali no papel (p. 54). O mundo para as crianças está em todos os lugares simultaneamente.

O espaço emocional traz para bem perto ou leva para bem longe os objetos dotados de afeto, independente de sua real posição física. O espaço emocional dita as hierarquias afetivas através da dimensão das formas. Por exemplo, o clássico “desenho de família”, em que um dos membros é muito maior ou muito menor quando comparado aos demais. *É a expressão do conteúdo simbólico da criança manifestado pela maneira de representar, figurar e nos apresentar os membros de sua família* (p. 78-9, grifos nossos).

- O desenho é uma verdadeira “fábrica de imagens”.

(O desenho), “fábrica de imagens”, conjuga elementos oriundos do domínio da observação sensível do real e da capacidade de imaginar e projetar, vontade de significar. O desenho configura um campo minado de possibilidades, confrontando o real, o percebido e o imaginário. A observação, a memória e a imaginação são personagens que flagram esta zona de incerteza: o território entre o visível e o invisível (Francastell, 1975, p. 25, apud Derdyk, p. 115).

- É importante salientar, segundo a visão dessa autora, que o desenho lida com os elementos do espaço e também dos tempos – passado, presente e futuro. Há uma simbiose entre os tempos, entre a observação (presente), a memória (passado) e a imaginação (futuro). No ato de desenhar, estão várias manifestações mentais, como imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, rerepresentar (p. 121).

Na coletânea recentemente publicada, Faria, Demartini, Prado (2002), os autores chamam a atenção para a ausência das crianças nas investigações dos cientistas sociais, talvez com exceção da antropologia, e se propõem ao enfrentamento dos inúmeros desafios que essa tarefa apresenta, em virtude de que as vozes das crianças não podem ser interpretadas da mesma maneira que a

dos adultos, dificuldades estas acrescidas ao fato de que o material coletado é feito pelos adultos e interpretado por eles.

A fim de facilitar a leitura dos desenhos, que se encontram no final deste artigo, optamos por analisá-los em conjuntos, por meio de uma amostra, seguindo a sugestão de Gusmão (1996, p. 181 e segs.), ressaltando que os desenhos são verdadeiras “fábricas de imagens”, nas quais se misturam as representações do momento presente, passado e das expectativas futuras. Os desenhos revelam e escondem. Assim sendo, o conhecimento da realidade concreta de seus produtores é fundamental para a interpretação analítica. As leituras dos desenhos feitas pelas crianças, as análises do conteúdo manifesto serão os pilares sobre os quais se assentará a análise do conteúdo latente, cujos contornos teóricos foram definidos acima.

Conjunto 1 – Nº de desenhos: 6

Características: famílias com a presença do pai e da mãe.

- Em alguns desenhos aparece a casa, em outros, não.
- Em geral, o pai não possui um destaque nos desenhos, ao contrário da mãe.
- Os membros da família não necessariamente vivem na mesma casa. Esse fato demonstra que a percepção de família não se restringe à casa.

A leitura do Desenho 1 feita pela criança (menina de 9 anos) revela que a mãe – colhedora de laranja – tem um lugar destacado, ao contrário do pai – cortador de cana –, que é representado do mesmo tamanho dos demais membros. Há também a presença de um irmão que mora na casa da vizinha, outra que vive na Cutrale (fazenda), um irmão que mora num quartinho dos fundos e um irmão já falecido, aos 21 anos de idade.

Nesse desenho, não há a casa, embora a união das nuvens pelo sol represente a união dos pais. As pessoas aparecem próximas e sorridentes. O pai trabalha na usina e a mãe é colhedora de laranja. Segundo depoimentos de vizinhos, a autora do desenho ficou

“escondida” até a idade de 4 anos, cujos motivos não ficaram esclarecidos, havendo muito silêncio a respeito. Durante a oficina, a criança se mostrou muito tímida. A presença de duas irmãs que *circulam*, portanto, que se acham ausentes, e do irmão morto aos 21 anos, desenhado no final após o que vive no quartinho, são traços reveladores das ausências, do conteúdo latente, dos aspectos subliminares. Segundo as reflexões anteriores, pode-se afirmar que, na realidade, se trata de uma família cujos membros estão divididos, separados, porém unidos na representação, no desejo da criança.

No Desenho 2 feita por uma menina de 8 anos de idade, as pessoas aparecem no interior da casa. O tamanho da autora do desenho é maior do que os dos demais, inclusive dos pais. As figuras são retilíneas e aparecem desnudas, embora de mãos dadas. O pai trabalha no corte da cana e a mãe na colheita da laranja. As presenças da chuva, das nuvens e do sol, cujos olhos estão apertados entre as nuvens, parecem sugerir a necessidade de luz sobre a casa. As hierarquias afetivas, traduzidas nas figuras pequenas dos pais, são indicativas de outros valores, que não aqueles nos quais o pai é representado de tamanho maior, seguido do da mãe. Nesse caso, a mãe é desenhada em primeiro lugar, e o tamanho da figura do pai é ligeiramente menor do que a dela.

O Desenho 3 é de um menino de 10 anos de idade. O pai é motorista de caminhão e transporta suco de laranja; a mãe trabalha na usina. Moram na casa seis pessoas. As figuras são quase do mesmo tamanho. A do pai aparece em primeiro lugar. Os botões da roupa revelam o poder masculino e a rigidez, segundo as reflexões acima. Alguns membros da família estão ausentes. Somente o pai tem as mãos. A figura da mãe é singela. A ausência de braços e mãos pode revelar falta de autonomia e dificuldades de ação e falta de apoio familiar. O nome do avô, morto há três meses, é mencionado. Por outro lado, foi acrescentada a figura do amigo acima na folha. A casa parece ser grande, mas as pessoas não estão no seu interior.

O Desenho 4 é de uma menina de 7 anos de idade, cujos pais trabalham na colheita da laranja. Aqui também a ausência de bra-

ços é evidenciada. O que chama a atenção é a figura da mãe rabiscada, além de botões nas roupas da autora do desenho e de uma irmã que fica na creche. A leitura feita pela criança revela também que a reprodução familiar é em parte assumida pelos organismos municipais, por meio de creches e projetos para as crianças maiores.

Em se tratando de uma atividade temporária, a colheita da laranja emprega as pessoas durante apenas seis meses ao ano. Assim sendo, a reprodução física e social dessas famílias é marcada pela instabilidade financeira e fica na dependência das creches municipais. A ausência da casa na maioria dos desenhos sugere que esse espaço não possui para essas crianças o mesmo valor simbólico de crianças de outras classes sociais. A presença da casa vazia com as pessoas do lado de fora é um dado que pode ser assim interpretado: em geral, as casas são pequenas tendo em vista o grande número de pessoas que nelas vivem. Daí decorrem as considerações acima sobre o espaço da rua ser tomado como uma espécie de extensão da casa. Ademais, o grande número de pessoas impede a individualização dos espaços da casa, tal como foi mostrado. Desse modo, os quadros sociais representados pela casa possuem outros significados no imaginário dessas crianças, não necessariamente relacionados à família, sem contar que elas passam a metade do tempo da vida delas nas creches.

Para fins de comparação, optamos por agregar a esse conjunto o Desenho 5 de uma menina de 6 anos do Assentamento Horto Guarani, no município de Pradópolis, próximo à cidade de Rincão. Todas as pessoas estão no interior da casa, que apresenta uma divisão sexual do espaço em feminino e masculino. A árvore aparece ao lado da casa, além das flores. Sobre a casa, o vôo de uma borboleta em direção às nuvens, onde está gravado seu nome, separadas pelo sol sugere a percepção da natureza que caracteriza o espaço rural. As figuras são quase do mesmo tamanho, desnudas e retilíneas.

Essa mesma menina produziu o Desenho 6, que se reporta à oca do avô, índio, que vive no mesmo lote da família. As presen-

ças de répteis – lagarto, cobra –, do gato (Romão), se misturam àquela do avô dormindo no chão, além das árvores e da presença da lâmpada colocada pelo pai. Esse desenho é bastante fiel à realidade vivenciada pela criança.

As reflexões da pedagoga, Márcia Gobbi (2002), ao conjugarem desenho e oralidade como forma privilegiada de expressão da criança, fornecem subsídios importantes para essas distintas interpretações. Considerando o mesmo universo social, foram verificadas várias formas de percepção e representação das famílias pelas crianças que vivem com os pais. As distintas temporalidades – presente, passado, futuro – se mesclam aos espaços sociais, valores, símbolos, e à cultura. Para essa autora, os desenhos não são reproduções fiéis da realidade vivida, como se estivessem congeladas no tempo e no espaço. Os desenhos contêm imaginação e sonhos. São frágeis as análises da psicologia do desenvolvimento infantil que conquistaram amplo espaço entre as práticas dos educadores e educadoras, sendo responsáveis pela construção de olhares voltados para um trabalho que procura estabelecer as etapas e fases do psiquismo infantil. Estas se tornam prisioneiras de um olhar já formatado, enquadrado em modelos em que as produções devam ser encaixadas (p. 74-5).

A incorporação dos desenhos da menina assentada é um indicativo das diferenças espaciais, do mundo vivido, além da diversidade cultural por meio da convivência com o avô que preferiu viver na oca, separada da casa da filha. Ao ser solicitada que fizesse o desenho de sua família, a criança foi fiel a sua realidade vivida. Portanto, a cultura é uma representação dos diferentes espaços e tempos e diz de si, mas diz de seu grupo e da sociedade em que está e vive (Gusmão, 2003, p. 24).

Conjunto 2 – Nº de desenhos: 5

Características: famílias com a presença de membros consanguíneos de distintas gerações.

- A casa ora aparece, ora não.

- Há também a ausência de algumas pessoas nos desenhos.

No Desenho 7 de uma menina de 8 anos, cujo pai é varredor de rua e a mãe é colhedora de laranja, aparecem 11 figuras, todas do mesmo tamanho, sem roupas, com os mesmos traços retilíneos, pintadas da mesma cor, indistintas. A casa é extremamente pequena para abrigar o número de pessoas. A presença da árvore com frutos sugere que a família também possa dar muitos frutos. Não há hierarquias. A mãe aparece antes do pai. Há primos, primas, tios e avó. O cotidiano, o momento presente domina toda a cena. Não há projeções. O passado, traduzido na presença da avó, parece indicar que ele é igual ao presente do adulto e também ao futuro das crianças no contexto de um vivido sem mudanças. O pequeno espaço na parte inferior da folha utilizado para o desenho sugere o espaço simbólico das relações de dominação dessa família no universo social ao qual pertencem. O espaço emocional é indiferenciado, todos se situam no mesmo plano da folha de papel, que coincide com o espaço social.

O Desenho 8 é de uma menina de 8 anos. O pai trabalha no corte de cana e a mãe é empregada doméstica. É filha única. Há um primo de 12 anos que mora com a família, portanto, trata-se de uma criança que circula. A figura do pai é menor do que a da mãe. O primo não é desenhado. Há a figura de uma boneca e um carrinho de bebê. Ao lado da casa, há uma flor e uma árvore com grande copa e frutos. No alto da folha, muitos corações coloridos e o sol, fonte de luz e calor. Ao contrário do desenho anterior, a casa é grande, tendo em vista o número e o tamanho das pessoas. Os corações coloridos no alto podem ser interpretados como sinais de amor, afeto, embora na esfera do desejo, dos sonhos.

No Desenho 9 de um menino de 8 anos, cujo pai é cortador de cana e a mãe é empregada doméstica, tanto a árvore como a família estão sobre a terra, o que pode revelar o equilíbrio familiar. A avó materna e o tio não residem na casa, embora sejam desenhados como membros da família. Todas as pessoas são apre-

sentadas do mesmo tamanho, algo recorrente em vários casos, o que indica a ausência de hierarquias e também o lugar “pequeno” (e em baixo) que o grupo familiar ocupa no universo social. O sol entre as nuvens sugere que a percepção vai além da situação vivida. Moram, na casa, quatro pessoas.

O Desenho 10 de uma menina de 8 anos de idade retrata a ausência de muitos membros. A mãe é empregada doméstica. São registrados apenas o pai (que não reside na casa), a mãe e ela própria. As demais pessoas – nove residentes na casa – estão ausentes. A avó materna, o tio, o meio-irmão – filho do pai com outra mulher que reside com ele – não são pintados. No desenho, o pai, que pega lavagem para os porcos na fazenda, é pintado por último, antes dela e da mãe. Além dos traços retilíneos, há indicativos dos órgãos genitais masculinos e femininos nos desenhos. Além dessas ausências, a casa não aparece, assim como outros elementos da natureza. As três figuras estão separadas entre si. A experiência vivida do mundo real permite associar significados que poderiam realizar-se. A ausência desses traços sugere a ausência de projetos, de expectativas, de transformações. Valeria a pergunta: Onde estão os sonhos dessa criança?

No Desenho 11 da menina de 8 anos, cujo pai trabalha no corte de cana e a mãe é empregada doméstica, embora as figuras sejam muito pequenas e também situadas na parte inferior da folha de papel, elas são pintadas com detalhes: os avós com bengalas e óculos, o irmão com a bola. Os primos, tios e avós não residem na casa, porém são percebidos como de sua família. A casa está ausente. O sol, sem detalhes, surge entre nuvens.

Conjunto 3 – Nº de desenhos: 5

Características: famílias com o pai ausente.

- Em alguns desenhos, ora a casa aparece, ora não.

O Desenho 12 é de uma menina de 11 anos de idade, em cuja casa vivem seis pessoas. Não sabe dizer a profissão do pai e a

mãe é trabalhadora rural. Segundo o diário de campo, a mãe é alcoólatra e, atualmente, todos estão morando com a tia, em virtude de terem sido despejados, por falta de pagamento do aluguel. A figura da mãe é a maior e aparece entre a dos filhos. Embora o pai viva com sua irmã, ela o desenhou por último. Um sol triste está entre as nuvens. A casa e a árvore não aparecem. As figuras estão separadas umas das outras.

Essa família traduz a miserabilidade que caracteriza boa parte desses trabalhadores. Salários baixos, trabalho sazonal, ausência do pai, são fatores que contribuem para aumentar o sofrimento e as tensões vivenciadas. O alcoolismo da mãe é o resultado dessa situação social.

No Desenho 13 de uma menina de 9 anos de idade, cuja irmã é autora do Desenho 12, o pai está ausente. A figura da mãe aparece em primeiro lugar e é a maior. A copa da árvore é grande, com muitos frutos, o que pressupõe o desejo de um futuro promissor. O tronco é pequeno e as raízes não aparecem. Segundo as considerações acima, o tronco representa a vida emocional; as raízes, a vida instintiva e a copa, a vida intelectual, social e o futuro.

No Desenho 14 de uma menina de 10 anos de idade, cuja mãe está desempregada e o pai é colhedor de laranja, as figuras estão desmembradas. A figura da mãe aparece em primeiro lugar, porém foi pintada com lápis preto. No momento da leitura do desenho, a criança disse sobre a mãe: “Ela não é mais porque o padrasto bateu em nós”. A figura do pai, que não vive na casa, está desmembrada, assim como as dos demais, exceto a dela própria. A figura do padrasto agressor também não foi pintada. A folha de papel, dividida ao meio, sugere que a topografia da família é pequena, não havendo a necessidade da folha inteira. Por outro lado, o espaço emocional das figuras não obedece às hierarquias dos modelos, baseadas nos papéis desempenhados pelos membros da família. A figura de um dos irmãos é maior do que a do pai. É interessante notar que a mãe, embora morando na casa, não é mais considerada mãe, ao contrário do pai que está ausente da casa,

mas é presente nas relações familiares, segundo a representação. Portanto, no nível do imaginário, há a inversão dos lugares e dos papéis sociais.

No Desenho 15 de um menino de 13 anos de idade, a mãe é a figura mais representativa. Ela é pintada com as roupas da roça, pois é uma colhedora de laranja. Trata-se de uma família sob a chefia da mulher. O autor do desenho não aparece. O menino é responsável pelos cuidados da casa, realiza todas as tarefas domésticas, enquanto a mãe trabalha na roça. As quatro crianças são de pais diferentes. Nenhum vive na casa, “todos foram embora”. A mãe é auxiliada pela família da irmã que mora ao lado de sua casa. A menina vive boa parte do tempo na casa da tia. A casa é muito precária e não aparece no desenho. Embora sejam bem-feitas as figuras, não há qualquer traço que se refira ao imaginário, à vida futura. As dificuldades do cotidiano são muitas. A sazonalidade do trabalho, os salários baixos, inferiores ao mínimo, impõem a essa família as necessidades de assistência, advinda da prefeitura local e dos parentes. Inquirida sobre as razões de não solicitar judicialmente as pensões dos pais de seus filhos, a mãe respondeu que sua atitude era para evitar a interferência deles em sua vida. Esse fato é bastante revelador dos conflitos das relações de gênero, bem como do empoderamento da mulher que, embora no limite da sobrevivência, prefere resguardar sua autonomia, algo que, segundo ela, poderia ser posta em risco, na medida em que eles poderiam fazer-lhe exigências em troca do pagamento das pensões aos respectivos filhos. Os demais irmãos também desenharam a família. Do mesmo modo, os respectivos pais não aparecem, ao passo que a figura da mãe é a maior.

O Desenho 16 de uma menina de 5 anos de idade, cujo “pai foi embora” e é trabalhador rural e a mãe é empregada doméstica, apresenta a leitura feita pela menina, não somente relatando os nomes das pessoas. Toda folha de papel é ocupada e as posições topológicas são distintas. Sem contar que há várias divisões. No canto superior esquerdo, foram pintados o tio, que sustenta a casa, a mãe, a tia. No canto superior direito, a avó. No canto in-

ferior direito, num quartinho separado da casa, mora o avô, alcoólatra, que briga com a avó. Sobre o pai, a autora do desenho não fez nenhum comentário.

Essa menina fez outro desenho sobre a família e, nele, ela ressaltou o papel do tio, como provedor da família, cuja figura está de braços bem abertos. Relatou também que logo o tio iria casar-se e não mais sustentaria a casa, pois iria embora. A divisão espacial reflete também o espaço emocional, no qual o avô é excluído do contato familiar, já que mora num quartinho separado, e as demais pessoas estão no alto, fora da casa, longe do chão, apresentando corpos disformes, cabelos desalinhados, assemelhando-se a caricaturas. As condições sociais dessa família são refletidas nas imagens desenhadas pela criança.

Conjunto 4 – Nº de desenhos: 5

Características: ausência de muitos membros da família.

- A casa ora aparece, ora não.

O Desenho 17 é de um menino de 8 anos de idade, que está vivendo com a madrinha, portanto, trata-se de um criança que circula. O pai trabalha no corte de cana e a madrinha colhe laranja. No momento da pesquisa, uma vizinha afirmou (pois não foi possível o contato com a família) que ele seria “devolvido” aos pais, pois se tratava de uma criança muito difícil. O conteúdo latente revela que a figura de seu rosto não tem olhos, boca, nariz, ouvidos, ou seja, é um círculo sem traços, indefinido. O corpo é disforme. O coração vermelho pintado no alto da folha, com traços fortes, sugere relações emotivas que estão ausentes nas pessoas, talvez existindo como forma de projeção, algo abstrato. Durante a realização da oficina, essa criança revelou ser inquieta, com atos que sempre procurava chamar a atenção sobre si mesmo.

No Desenho 18 de um menino de 8 anos de idade, cujos pais trabalham na colheita da laranja, todos os cinco membros da fa-

mília estão ausentes. Segundo as reflexões acima, a existência dos compartimentos revela ausência de comunicação entre os membros. A única figura que aparece é a sua, isolada, com a referência da creche. No canto inferior direito, uma figura invertida aparece rabiscada, sem identificação. Os “caixotes” vazios podem sugerir, além da ausência de comunicação entre os membros da família, o isolamento sentido pela criança, no seu próprio “caixote”, cuja imagem é indefinida e incompleta.

O Desenho 19 é de um menino de 8 anos de idade, cujo pai trabalha no corte da cana e a mãe colhe laranja. No primeiro desenho, ele representou o avô na parte inferior da folha. Os traços pontiagudos e os botões na roupa indicam agressividade. Na outra folha, aparecem a casa e a árvore; sua figura é do mesmo tamanho da casa; seus membros parecem estar atrofiados. A árvore não possui raízes; o tronco é grande e ela é pintada de preto. Moram na casa seis pessoas, quatro delas ausentes nos desenhos, inclusive os pais. Contudo, há o sol, nuvens, pássaros, indicativos da natureza, além da casa.

O Desenho 20 é de um menino de 11 anos, cujos pais trabalham na colheita de laranja e em cuja casa moram 17 pessoas. A figura desenhada, de um diabo com chifres, atravessada por um podão de cortar cana, reporta-se ao pai; em sua leitura, ele disse que a figura não é o pai, porém ele quis colocar pai. Aparece também o nome de uma mulher, mãe do colega, seu nome e a palavra “paz” em grandes letras. A ausência de quase todos os membros da família, aliada a essa representação do pai e a palavra “paz”, é indicativo de ausência afetiva e violência praticada pelo pai. As imagens revelam e escondem uma realidade marcada por muitos conflitos. A figura da mãe, além de ausente, é substituída pelo nome da do colega, que possivelmente possa significar-lhe algum sentimento positivo.

A autoria do Desenho 21 é de uma menina de 12 anos, cujo irmão é o menino do Desenho 19. As crianças são negras. Durante a atividade de teatro, essa criança representou o papel da avó materna como aquela que oferecia apoio à mãe, quando esta bri-

gava com o marido. As figuras estão em compartimentos, o pai está ausente. As figuras estão desnudas e são retilíneas. A falta de roupa, traço que surge em outros desenhos, sugere a ausência de cuidados, de carinho. Se compararmos as interpretações dos conteúdos latentes dos desenhos 19 e 21, veremos que a violência e a ausência de proteção lhe são comuns. Essa mesma situação foi encontrada por Riva (2006, p. 113), que utilizou a técnica do desenho para constatar as formas de negligência por parte dos pais em relação aos filhos. Num dos desenhos, todas as figuras foram pintadas desnudas.

As pessoas estão no interior da casa e esta é cercada por grandes muros, num dos quais aparece a copa de uma árvore com frutos. A bicicleta da irmã é desenhada, o que sugere a raridade dessa mercadoria entre essas crianças, tendo em vista o baixo poder aquisitivo da família.

O ato de desenhar é um ato em que a criança escreve seus pensamentos sobre a realidade vivida ou imaginária. A família transfere à criança toda herança cultural; muitos elementos culturais são transmitidos às crianças por meio de relações afetivas. No Desenho 21, os muros altos da casa podem representar as barreiras enfrentadas pelos negros na sociedade em que vivem. O espaço da casa parece configurar o isolamento, o cerceamento das pessoas que vivem nela em relação ao mundo exterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando a professora Miriam Moreira Leite (1993), que analisou fotografias de famílias, poderíamos levantar a questão: Existiria uma leitura desses desenhos capaz de substituir ou equivaler à de documentos escritos ou depoimentos verbais? Diante das alternativas, ainda nos baseando nessa autora, o documento escrito e as imagens iconográficas ou fotográficas são representações que aguardam um leitor que as decifre (p. 23). A imagem não fala por si mesma. Dessa sorte, tecemos o conjunto de reflexões

acerca do ser social no intuito de compreender a criança-sujeito, inserida numa família, cujos padrões de organização passaram por várias mudanças em função das relações socioeconômicas existentes na produção do denominado *agribusiness* sucroalcooleiro e citrícola da região analisada. Tais mudanças, como vimos, acarretaram a precarização das relações de trabalho, o desemprego, sem contar as incertezas do mercado laboral sazonal, cada vez mais restrito e exigindo mão-de-obra, dotada de força para o dispêndio de enormes energias para o trabalho excessivamente pesado do corte da cana, fato que alija as mulheres e as pessoas acima de 40 anos de idade da atividade do corte da cana. Restam às mulheres a colheita da laranja, cujos salários são inferiores aos do corte da cana, ou o emprego doméstico. Portanto, os genitores dessas crianças estão nas ocupações mais desvalorizadas financeira e socialmente. A vida deles oscila entre as incertezas do mercado laboral e a exclusão social, recaindo sobre as mulheres, ainda, o peso da dominação patriarcal e, sobre os negros, as discriminações étnicas/raciais. Na expressão de Bourdieu, *são vidas suspensas por um fio*.

O conjunto dos desenhos analisados revela, portanto, outra maneira de dizer, baseada na descrição da realidade circundante e também nas representações sociais dessas crianças. O lugar emocional das pessoas da família aparece ora disforme, ora indistinto, retilíneo, sem cores, sem marcas, na parte inferior da folha *sulfite*, lugar este que coincide com a escala social na qual se inserem todos os membros da família. Considerando o ideal como parte do real, em alguns desenhos a idealização está ausente. Se retomarmos as reflexões sobre o ser social, podemos afirmar que o processo dominador imposto aos trabalhadores rurais nestas últimas décadas culminou não somente na introjeção da autocoção, caracterizado pelos salários baixos, pela miséria material e incapacidade de reprodução social, pelo alcoolismo dos adultos, mormente dos homens, como também pela espoliação das lembranças, responsáveis pela negação da memória herdada pelas crianças. Partindo do pressuposto de que as distintas

temporalidades não são lineares, porém se misturam, imprimindo umas às outras novos matizes, cujos significados se transformam no decorrer do tempo e dos espaços vividos, podemos afirmar que esse processo, ao atingir a própria essência humana, ao ser internalizado, pode gerar tanto o amoldamento como a resistência, por meio da dialética conflitiva, segundo as considerações acima. Assujeitamento e amoldamento não são vistos linearmente, porém enquanto processos conflitivos entre a dominação das relações capitalistas e as determinações, advindas dos próprios sujeitos em subverter tais determinações que foram recalçadas, reprimidas.

Ethel Kosminsky (1998) mostra a importância do desenho conjugado à oralidade em um estudo de caso de crianças internadas em instituições assistenciais. Segundo ela, a coleta dos desenhos exige do pesquisador uma postura que se afaste do paternalismo, dos preconceitos de classe e etnia e também das ideologias dominadoras. Por outro lado, o fato de o pesquisador não ser criança é um fato que exige outros cuidados. Nos quadros de uma sociologia da infância, poder-se-ia perguntar se as crianças das camadas subalternas apresentam grafismos mais elementares do que as crianças das camadas dominantes. Essa autora adverte para os perigos do reducionismo, aliado à construção de cânones, ou seja, de critérios classificatórios, de modelos que valorizam as características étnicas e culturais de uma camada da população, ou da população de um país, em detrimento de outros, capazes de conduzir ao etnocentrismo e aos preconceitos classistas (p. 85).

O trabalho etnográfico no quarteirão escolhido pela pesquisa, que durou duas semanas inteiras, além das atividades recreativas desenvolvidas com as crianças em vários momentos, permitiu não somente aproximação das crianças, como também as relações de confiança entre pesquisador e pesquisado. Algumas delas chegaram a desenhar as pesquisadoras em folhas de papel separado, com tranças nos cabelos, como se elas fossem crianças, o que denota a relação afetiva produzida.

Dessa sorte, ainda que reconheçamos as possíveis limitações das interpretações dos desenhos, as reflexões acima representam um duplo desafio. Primeiramente, por adentrar um terreno novo, cujo caminhar exigiu muita cautela. Em segundo lugar, por tomar consciência de que a exploração e a dominação – de classe, gênero e etnia – atingem a vida dos dominados não somente no que tange a sua materialidade, como também à própria subjetividade. Desse modo, qualquer práxis que vise acabar com a situação de heteronomia deverá levar em conta o processo de alienação, objetivação e assujeitamento de corpos e almas. Portanto, é uma larga tarefa, que não pode ser circunscrita aos movimentos sindicais. Uma pedagogia, que fosse capaz de inserir em seus conteúdos a realidade social e cultural da criança, poderia ser o caminho para a autonomia e a abolição das injustiças sociais existentes. A concretização dessa utopia necessariamente deverá incluir o sujeito-criança, além de mulheres e homens adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto et al. (orgs.). *Colcha de retalhos. Estudos sobre a família no Brasil*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- COX, Maureen. *Desenho de criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- DEL PRIORE, Mary del (org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho, desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

- DI LEO, Joseph H. *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. B. F. e PRADO, P. D. (orgs.). *Por uma cultura da infância*. São Paulo: Autores Associados, 2002.
- FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- FREITAG, Bárbara. *Sociedade e consciência. Um estudo piagetiano na favela e na escola*. São Paulo: Cortez, 1984, Coleção Educação Contemporânea.
- GOBBI, Márcia. “Desenho infantil e oralidade”. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. B. F. e PRADO, P. D. (orgs.). *Por uma cultura da infância*. São Paulo: Autores Associados, 2002, p. 69-92.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. *Terra de pretos, terra de mulheres*, 1ª ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996.
- _____. “Infância e velhice: desafios da multiculturalidade”. In: GUSMÃO, N. M. M. (org.). *Infância e velhice*. Campinas: Alínea, 2003.
- KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (org.). *Família brasileira. A base de tudo*, 5ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 2002.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1993, Texto & Arte, v. 9.
- MARTINS, José de Souza. “Regimar e seus amigos”. In: MARTINS, J. de S. (coord.). *O massacre dos inocentes, a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 51-80.
- MARX, Karl. “Manuscritos econômico-filosóficos”. In: MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 3-48, Os Pensadores.
- NEVES, Delma Pessanha. “Nesse terreno galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda”, *Anuário Antropológico*, n. 83, p. 199-221. 1985.

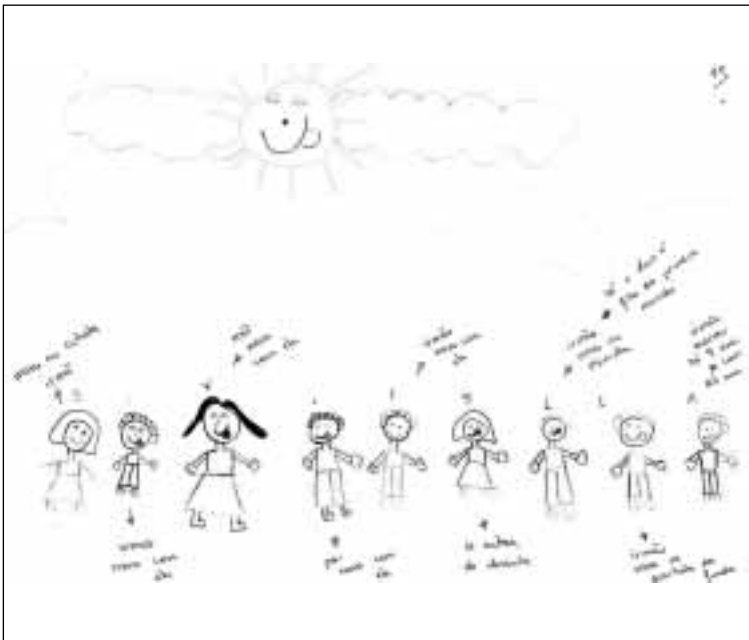
- RIVA, Léia Comar. A dinâmica do relacionamento entre pais e filhos de famílias de baixa renda: organização doméstica e negligência. Dissertação de mestrado, USP. Ribeirão Preto, 2006.
- ROMANELLI, Geraldo. “Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola”. In: ZAGO, N. et al. (orgs.). *Itinerários de pesquisa. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 245-64.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, Coleção Brasil Urgente.
- SARTI, Cyntia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SCHUARTZ, O. *Le monde privé des ouvriers. Hommes et femmes du nord*. Paris: PUF, 1990.
- SCOTT, R. Parry. “O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico”. *Cad. Pesq.*, n. 73, p. 38-47, 1990.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. “De colona à bóia-fria”. In: PIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, Edunesp, 1997, p. 554-77.
- _____. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999.
- _____. “Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas”. In: ANTUNES, R. e SILVA, M. A. M. (orgs.). *O avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 29-78.
- SILVEIRA, Paulo. “Da alienação ao fetichismo. Formas de subjetivação e de objetivação”. In: SILVEIRA, P. e DORAY, B. (orgs.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989, p. 41-77.
- SMITH, Raymond T. “The matrifocal family”. In: GOOD, J. (ed.). *The character of kins-ship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- STOLCKE, Verena. *Cafecultura. Homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. “A família que não é sagrada”. In: ARANTES, A. Augusto et al. (orgs.). *Colcha de retalhos. Estudos sobre a família no Brasil*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 61-114.

MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA é professora livre-docente, colaboradora do PPG/Geografia/Unesp/Presidente Prudente, pesquisadora visitante do PPG/Geografia/USP e pesquisadora do CNPq.

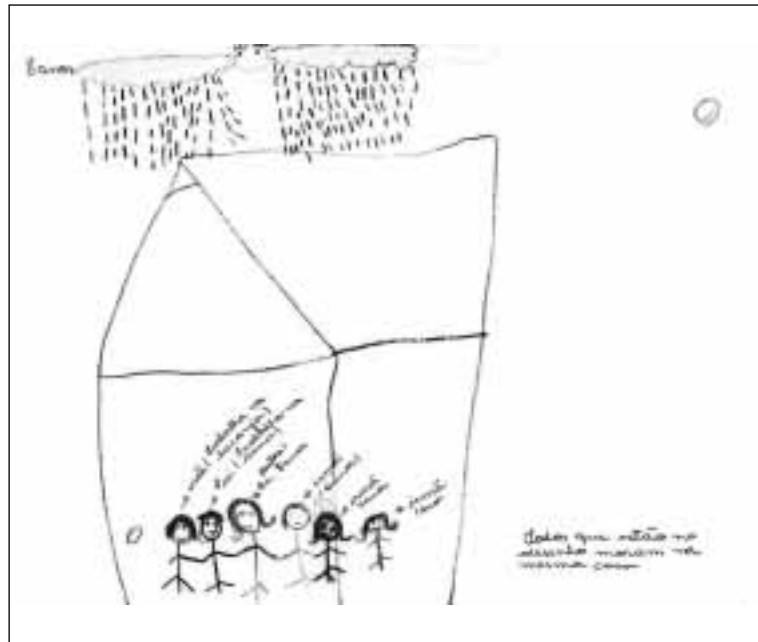
BEATRIZ MEDEIROS DE MELO é bolsista da Fapesp/Mestrado/Unesp/Presidente Prudente.

ANDRÉIA PERES APPOLINÁRIO é bolsista de AT do CNPq.

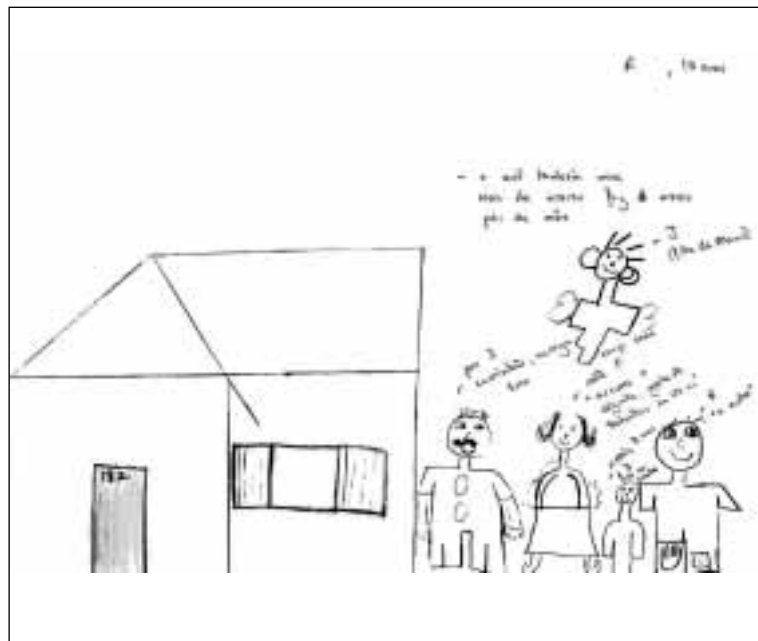
ANEXO



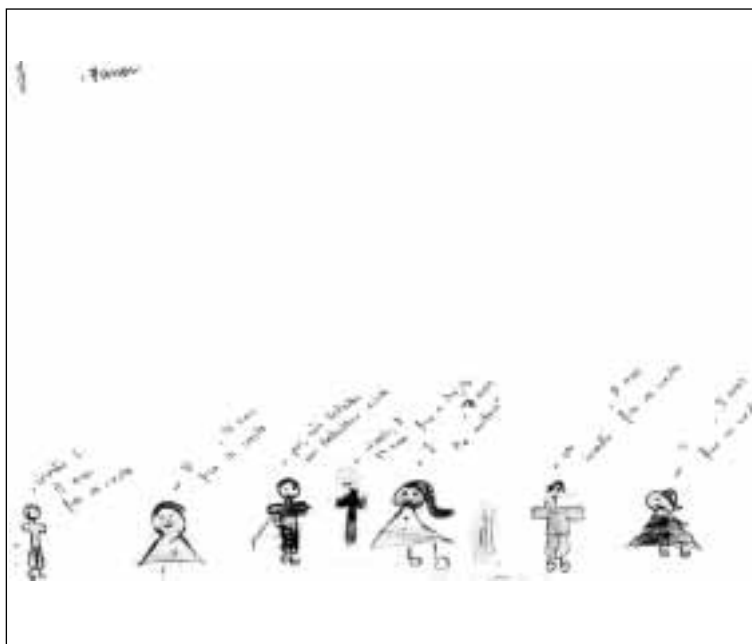
Desenho 1



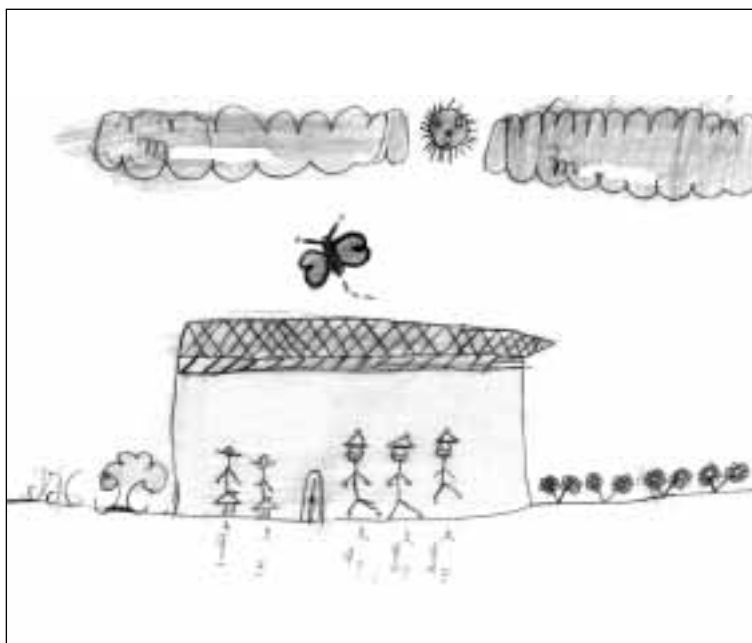
Desenho 2



Desenho 3



Desenho 4



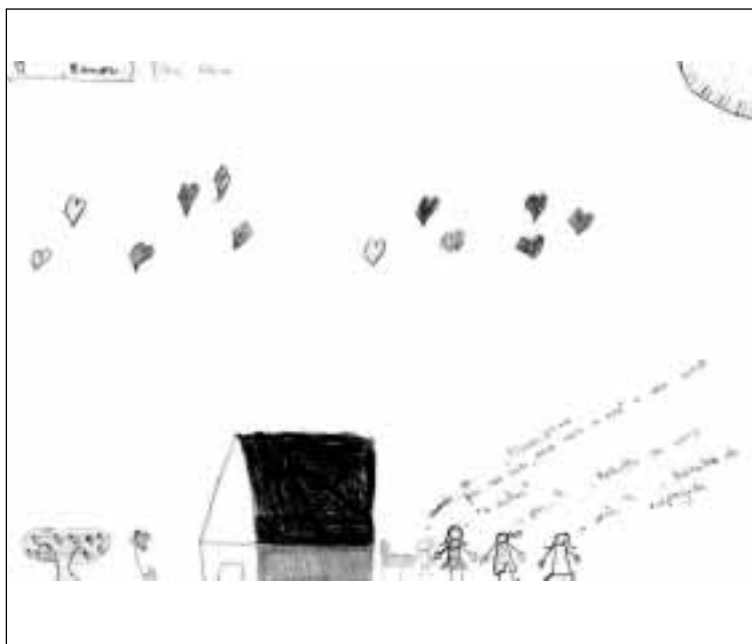
Desenho 5



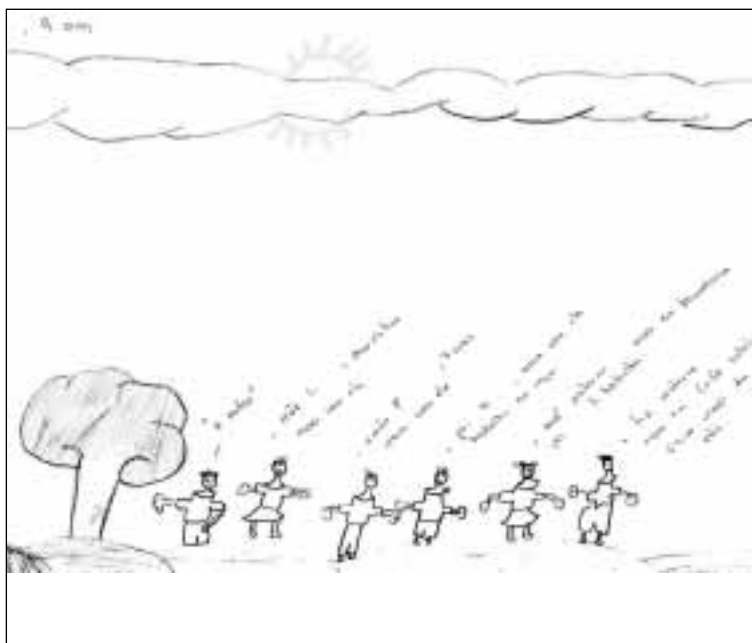
Desenho 6



Desenho 7



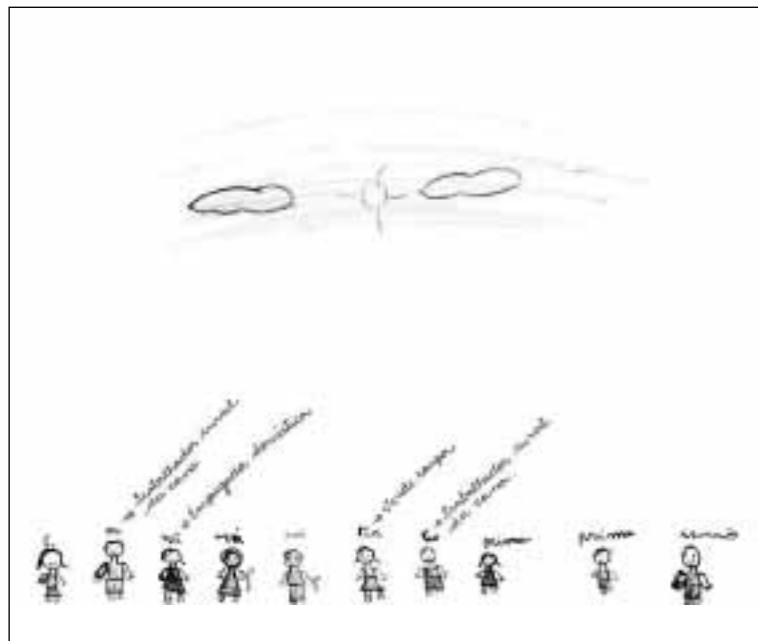
Desenho 8



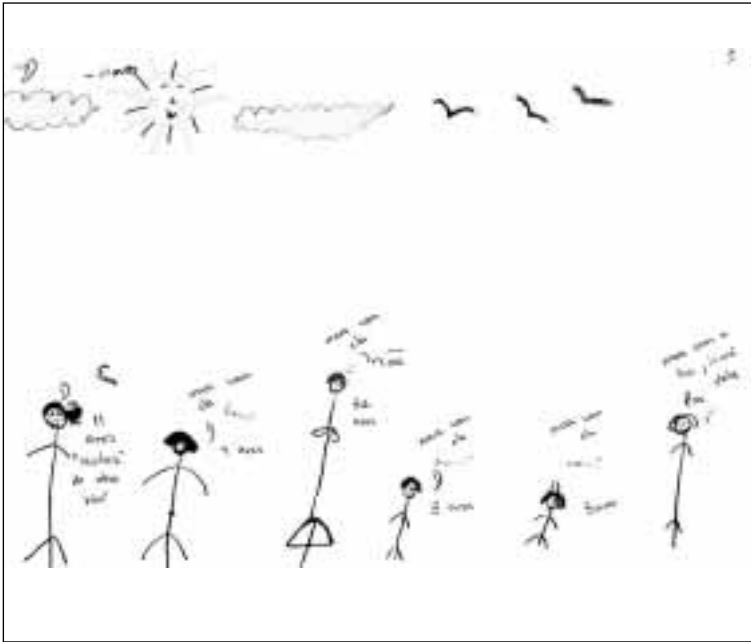
Desenho 9



Desenho 10



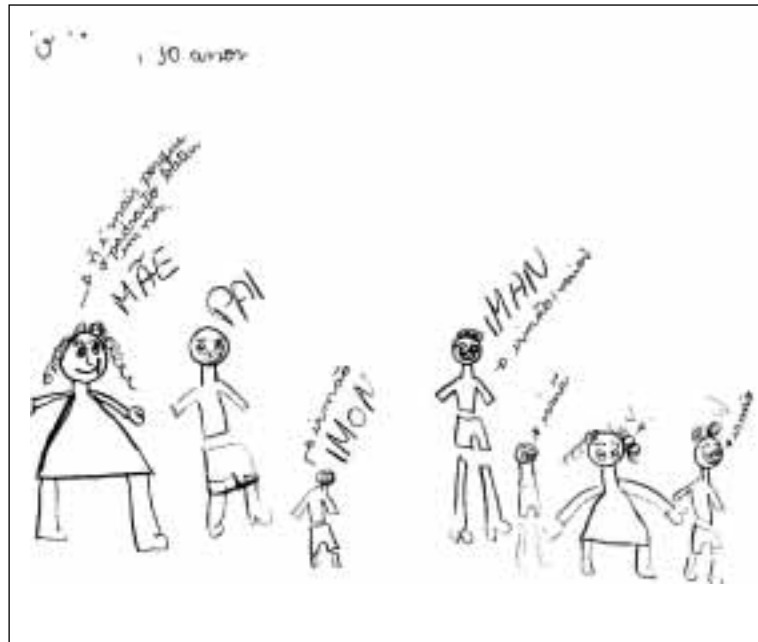
Desenho 11



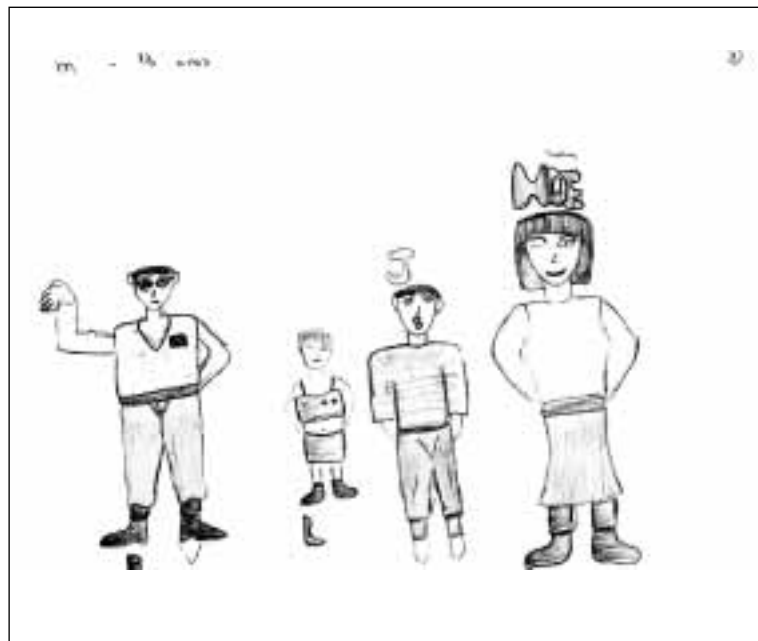
Desenho 12



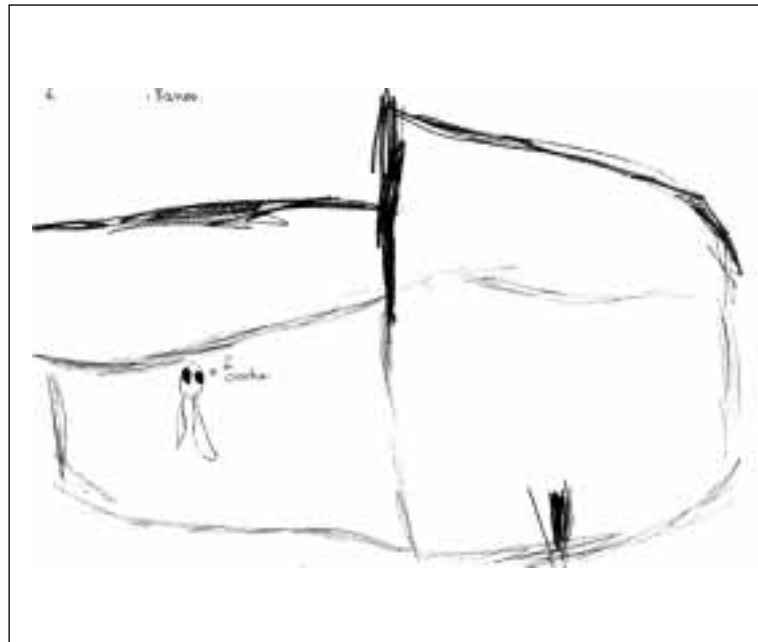
Desenho 13



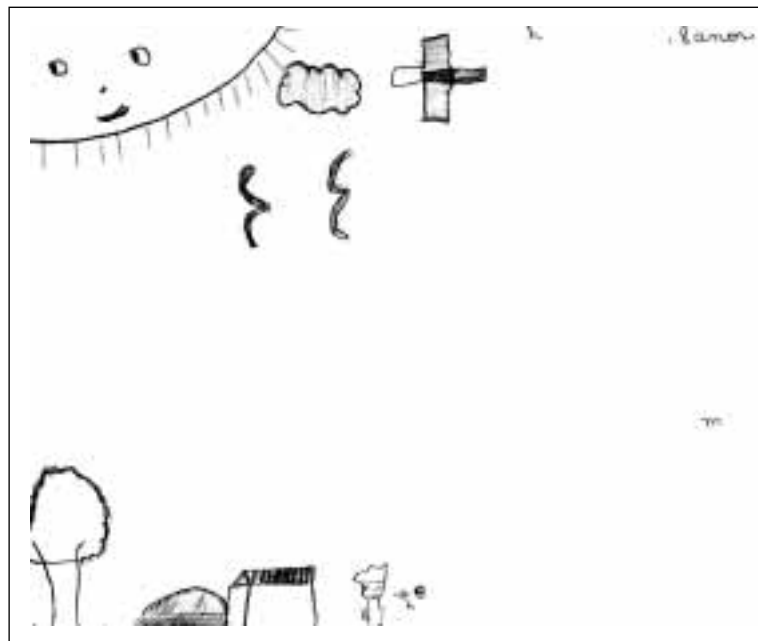
Desenho 14



Desenho 15



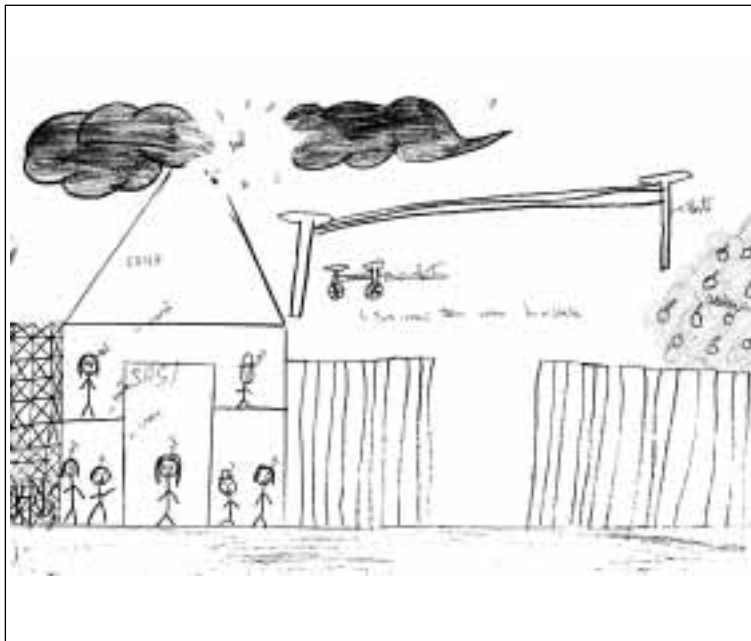
Desenho 18



Desenho 19



Desenho 20



Desenho 21

